

8 de agosto de 1939. ✓

Meu querido amigo,

tanto me queixei do seu dilatado silêncio, e, afinal, incidi na mesma falta! Não por defeito de vontade, seguramente. Circunstâncias adversas me impediram de escrever-lhe em todos êstes meses decorridos desde que recebi a sua afetuosa carta. Trabalhos não poucos, mas sobretudo aborrecimentos, contrariedades, angústias. Todo o inverno e a primavera, e agora o verão, têm sido igualmente pesados para mim. De há mais de 2 anos para cá, minha Mulher sofre de uma moléstia nervosa, que, mercê de Deus, não é grave, mas é extremamente aflitiva, e de ordinário dura muito; trata-se de uma depressão, que só funcionalmente afeta o estado físico, mas que se caracteriza em particular por uma profunda e incoercível melancolia: saudade intensa do passado, descrença da possibilidade da cura, pessimismo, tédio da vida; e tôdas estas cousas com tanto maior agudeza porque lúcida e ágil se conserva a sua forte inteligência, opondo argumentos muito bem raciocinados a quem pretende provar-lhe que a doença é apenas imaginária. Agora parece que essa depressão se vai atenuando auspiciosamente; mas não se pode ainda nutrir completo otimismo, porque a moléstia é caprichosa, / tem altos e baixos, e retornos improvisos. Deus permita que se trate de melhoramento sólido e progressivo. Aí tem, meu bom amigo, a principal razão que obsta à nossa volta tão desejada, para a diletta pátria. A minha amada companheira não dispõe ainda de fôrças físicas suficientes para empreender tão demorada viagem; e além disso o calor excessivo do clima brasileiro é condição desfavorável para a sua depressão nervosa.

Pode imaginar com que gosto trocaríamos pela atmosfera moral tranquila e hospitaleira do nosso Brasil o ambiente perturbador e convulso da Europa... A sorte hostil é que a êste nos amarra contra a nossa vontade. Aqui, até para o labor literário, que se único refúgio contra a universal tristeza, no meu caso, é preciso despender uma energia rara,

tanto o "meio" é áspero e antipático.

Accite com sua Senhora nossos cordiais cumprimentos. Afetuoso abraço do sempre seu

Azeredo.

8 de agosto de 1938. ✓

Meu querido amigo,

A sua carta, entre as muitas tristezas que me afligem, foi como um belo raio de sol em céu nublado. O que lhe sucedeu a meu respeito, tem sucedido a outros amigos diletos que ainda conto, por minha fortuna, no Brasil. Longos silêncios, inexplicáveis para mim; é natural que, de longe, ficando sem resposta a várias cartas, eu me impressione, me inquiete, pergunte o que há no fundo d'êles; e em suma nada há, ou quase nada, afinal; provam-no as explicações que recebo; mas como impedir que, até recebê-las, sofra com isso?

Esta é uma das amarguras do exílio, ainda quando êste seja, ou pareça, voluntário; os amigos melhores, achando-se no ambiente nativo, / próprio, nesse ar da pátria, que nada substitui, raramente são capazes do esforço de imaginação, que leva a compreender a importância capital, para os desterrados, de frequentes missivas suas.

Como não perdoar-lhes uma falta, que não é tanto d'êles como das circunstâncias exteriores? De sua parte, além d'isso, há a promessa de assiduidade futura em escrever-me; e eu desde já lh'a agradeço, confiando na sua palavra.

Comovido lhe agradeço também as condolências pelo golpe fundísimo que me feriu, e me faz há dois anos, sangrar o coração. Língua humana não pode dizer adequadamente o que era para mim a santa Mãe, que nos deixou. Nascido orfão de Pai, que sucumbira, moço e vigoroso, um mês antes, a ela, à sua bondade, à sua inteligência, ao seu infinito

amor, ao exemplo da sua heróica virtude, devo tudo o que há em mim nobremente humano e cristão, devendo-lhe também os dons de imaginação e sensibilidade, que me tornaram escritor. Depois de Deus, foi ela a minha criadora. Desde que a perdi, a vida, o mundo mudaram de aspecto para os meus olhos e a minha alma.

Certo, tenho, como você, o consôlo de um lar feliz; e ao carinho, à dedicação da minha dileta companheira, cabe o mérito de me ajudarem mais que qualquer outro apoio moral, a suportar sem desespero a mágoa imensa que me enluta. Sem êsse inefável confôrto, não sei o que seria de mim. Tanto mais que, no espetáculo presente e nas projeções de futuro, que me oferece o estado dos povos quase por tóda a parte, só encontro motivos de desgosto, de revolta, de náusea, de horror. Esta civilização inhumana em que caímos, imergindo-nos mais e mais, de dia em dia, numa barbárie torpe e inominável, faz-me envergonhar da minha qualidade de filho d'êste século nefasto, e aniquila todo aquêles alto desejo de agir pelo espírito e pelo verbo, que me fascinava, outr'ora. Para que e para quem servir, pregar, a Verdade, a Beleza, o Ideal, se ainda trabalho, é por uma sorte de movimento adquirido, de necessidade interna. Se ainda publico e publicarei livros, é porque êles estão feitos, ou quase feitos, e o destino natural dos livros é serem publicados.

Encantaram-me os seus versos belíssimos, escritos no 44º aniversário de um venturoso casamento (o meu, não menos venturoso, conta só dois anos menos). Em troca, lhe envio um soneto (há quanto tempo não compunha eu um soneto!), que me foi sugerido há três dias por uma gravura linda, de caráter extremamente romântico. Escreva-me sempre para Roma. Saudoso abraço do seu fiel e devoto

Azeredo.

Envio-lhe hoje "O Eterno e o Efêmero", meu último livro.

19 de setembro de 1929. ✓

Meu querido Antônio Sales,

Há imenso tempo que desejo escrever-lhe: desde muito antes de receber a sua última afetuosa carta. A êsse desejo se *mesclou* sempre uma espécie de remorso pela minha longa falta aliás bem involuntária, e simultaneamente me afligia o receio de que você me julgasse desmemoriado e ingrato. Errônea seria tal sentença, pois o recorde sempre com fiel amizade; mas como negar que as aparências a justificariam?

Últimamente, além do obstáculo habitual das muitas e absorventes ocupações houve outro, ainda mais aborrecido, contra a pronta realização da minha vontade de escrever-lhe: foi uma crise de fadiga dos olhos, acompanhada de freqüentes e espantosas vertigens, que por vários meses me impediu de fazer qualquer trabalho, qualquer aplicação da vista: conseqüência de excessiva atividade intelectual.

Por isso, ainda não pude reler, em nova edição, o seu belo e forte romance; mas espero ter êsse gosto apenas regressarmos a Roma, o que será pelo meado de Outubro.

Eu quase nada escreverei de novo no outono e no inverno próximos: como preciso ainda de poupar os olhos me ocuparei de pôr em ordem os originais de vários livros que tenciono ir publicando - oito ao menos - e nisto serei validamente ajudado pelo meu amigo Giuseppe Alpi, datilógrafo na nossa embaixada, homem ilustradíssimo, que conhece a fundo o português, e tem traduzido para o italiano alguns escritos meus. Essas traduções deverão aparecer breve em dois volumes; e no outro conto dar poemas seus, traduzidos por mim. Envio-lhe quatro, publicados na Nova Antologia. Envio-lhe ainda dois retratos recentes: um de segundo uniforme, e, para atenuar a solenidade d'êsse, outro com o costume que se usa nas vilegiaturas alpinas da Suíça. E, mais um abraço saudoso do teu muito devotado

Azeredo.

Via Po, 32, Roma. 16 de novembro de 1933. ✓

Meu querido Antônio Sales, há quanto tempo estou para escre_{ver}-lhe, e, pensando nisso de contínuo, cada vez mais saudosos me sinto do dileto amigo! Guardo, porém, me será concedida a alegria de abraçá-lo, não figuradamente, em fins de cartas, mas na realidade, de encontro ao meu coração! Agora, a sua presença no Rio me oferecia excelente ocasião de vê-lo, de reatar aquelas longas e boas palestras, inolvidáveis, de outros tempos, já tão remoto, _____! e as circunstâncias não me permitiriam chegar até aí!

Até quando se demora? porque não se estabelece no Rio, de vez? Que é que o liga, atualmente, ao Ceará? Nada, creio. Na capital, você en_{con}traria o vasto campo de ação, que ao seu vasto espírito convém. E estímulos para um renovamento de vida espiritual, que faltam ou escasseiam em Fortaleza. Quem me dera que você por aí ficasse! mais cedo ou mais tarde nos encontraríamos.

Que faz? que planeia? tem belos livros a publicar? Eu trabalho em algumas cousas novas, mas sobretudo me estou ocupando de pôr em ordem escritos que datam de poucos ou muitos anos, para publicá-los; o problema é, de longe, arranjar editores; mas, com o auxílio de alguns bons ami_{gos}, espero resolvê-lo a meu contento. Um volume de versos, Intermezzo, já aí está, nas mãos de Olegário Mariano; e eu aguardo resposta do preza_{do} poeta.

Escreva-se, meu querido amigo; diga-me como vai regular a sua vi_{da}. Afetuosíssimo abraço do seu de coração,

Azeredo.

Via Po, 32. Roma. 25 de dezembro de 1921. ✓

Meu querido Antônio Sales,

Tempo de Natal - tempo de perdão.

E eu espero merecer o seu ao meu longo silêncio. Se lhe dis_{ser}, entretanto, que desde a nossa estada no Brasil, tenho tido constante desejo de escrever-lhe, direi, sem dúvida, uma cousa inverossímil; mas

5
entulhado de
muitas cartas

verdadeira, verdadeiríssima. Explicar como se pode passar para mais de um ano, projetando uma carta, e não a escrevendo, é caso mais sério; há casos que não se explicam; e todavia se compreendem, porque cada um de nós os tem, mais ou menos parecidos, na sua própria experiência. O essencial é que você saiba: que nunca o esqueci, nunca deixei de querer-lhe bem, e que li e reli com encanto o livro de versos, o livro de poesia real, sincera e bela, que me enviou.

A região cearense tem para os brasileiros que não a conhecem um prestígio misterioso de esplendor e miséria, de formosura e infortúnio; e tem, ainda, o prestígio do amor, do amor "forte como a morte", pois tanto mais adorada é pelos seus filhos, quanto mais e chagada pela natureza cruel; e tem outro prestígio, último, no espírito aventureiro e no valor indômito d'êsses resmos filhos seus, que são os modernos bandeirantes do norte. Tôda essa dolorosa, perturbadora magia, que transparece em páginas de Alencar e Franklin Távora, se reflete em muitos dos seus versos; nos pequenos quadros e trechos líricos, onde se espelham recantos de praias e campinas cearenses, e mais que tudo, em "Minha terra", que conta a periódica tragédia d'essa estirpe desditosa e heróica.

Por êste mesmo correio lhe envio um retrato meu, e os meus escritos mais recentes. Mande-me duas linhas quando os tiver recebido; e, se, em horas de ócio, me mandar notícias suas, terei em lê-las verdadeiro prazer, e prometo-lhe ser pontual nas respostas. Diga-me o que se faz de trabalho intelectual, pelo Ceará. Um abraço do seu muito dedicado

Azeredo.

Meu querido Antônio Sales, perdoe-me a demora com que venho agradecer-lhe, comovido e penhorado, o seu tão generoso artigo a meu respeito. Pensei em escrever-lhe logo, mas por aquêles dias não saia vapor para o Brasil, e, entretanto, pouco depois, rebentava a guerra civil na nossa infeliz Pátria, digna certamente de melhor destino! A tristeza, a angústia, a dor profunda, que tão infausto acontecimento me causou, prostrou-me, por não breve tempo, numa depressão moral, que me tolhia a iniciativa de qualquer mínimo esforço. Adoeci, em seguida, com um inflamação da garganta, que ao tormento moral juntava o sofrimento físico. O vapor, que devia partir a 4 d'êste mês; e só em 25 haverá um a zarpar de Genova. Tudo isto, além da sua natural indulgência, o levará a desculpar a minha falta involuntária.

O meu íntimo reconhecimento pelo seu gesto de amigo, não será preciso dezer-lh'o em muitas palavras; há quantos anos ouve você, de longe embora pulsar o meu coração?

Se posso achar muito superiores ao meu mérito os louvores que me prodiga, aceito sem restrições, em toda a sua plenitude, o grande e precioso afeto com que me honra, e que êsse sim é realmente merecido, porque há de minha parte afeto não menor.

Vários outros artigos muito benévolos foram publicados a propósito do livro de Alpi; eu desejaria que o seu fôsse escolhido entre todos para figurar na "Revista da Academia Brasileira". E isso por duas razões: por ser seu, e por afirmar - com tôda a justiça - a minha fundamental, irredutível "brasilidade".

É ela, aliás, que tanto me faz padecer nestes dias torvos e trágicos para a nossa terra. Não posso formar conceito exato da nossa presente crise política, porque até êste momento ignoro as causas determinantes, imediatas, da ruptura declarada entre o Estado de São Paulo e o governo federal - mas o que sinto, e não de agora, é que o nosso país está muito doente, que essa doença vem de longe, e que vão é esperar de violências sôbre violências a desejada cura; ela só pode resultar de uma lenta, paciente, perseverante reforma dos nossos costumes públicos e privados, quero dizer, de uma reeducação radical da nossa gente: programa

votado a fracassos contínuos, enquanto se sobrepujar a politicagem, que divide à boa administração, e à instrução intelectual, técnica, moral, à higiene, ao sentimento do próprio valor "real" e das próprias responsabilidades, que são necessários como o pão e a água ao nosso povo. Falta -nos ainda uma base nacional ou é fraquíssima; sem um povo conscio dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus autenticos interêsses, mudaremos de padrões ainda muitas vêzes, mas não mudaremos de sorte.

A Deus por hoje, meu querido amigo.

Saudoso e apertado abraço do seu muito dedicado

Azeredo.

(Ao lado-) Sôbre a inserção do seu artigo na "Revista da Academia brasileira", vou escrever ao Afrânio Peixoto e Fernando Neri. Porque não es creve também a alguém de lá, mandando o texto?

.....

Roma, 23 de Janeiro de 1932. Via Po, 32. ✓

7 Meu querido Antônio Sales,

Há quanto tempo nada sei de você! Dirá que eu não lhe tenho escrito; e terá meia razão; meia só. Sabe quanto lhe quero bem; entre nós não se compreenderia o sistema cerimonioso de "carta recebida, carta respondida, e nada mais até que venha nova carta a responder". Você aí, na sua Fortaleza, tem por certo muitas mais horas livres que eu em Roma; e ajunto que em uma das minhas últimas missivas eu lhe contei a crise de / fadiga dos olhos, que sofrera, e a necessidade de cautelas, que d'ela me ficara. Já vê que bem podia escrever menos raramente.

Que faz, pois? Diga-me a sua vida; por monótona que se lhe afigure, será interessante, para mim, conhecê-la. Quanto sinto não conhecer o norte do Brasil! êsse generoso e heróico Ceará, tão ferido pela crueldade da Natureza, e tão firme, tão resistente sempre! E há quantos anos não o vejo, a você! Desde 1907... ou desde 1903? Diga-me como passa os seus dias; se prepara novos livros; se a atividade intelectual dos homens maduros e dos moços é grande agora aí; se a influência estimulante e prometedora da célebre "Padaria espiritual" ainda perdura... E...quer

que o favor seja completo? Mande-me um retrato seu, em troca dos dois meus, que lhe mandei de Lausanne.

De mim, que lhe posso referir? Aqui continuo, nesta Roma onde tudo tem aspecto tranquilo, e o dinamismo dos projetos e das obras do regime fascista, através das grandes transformações que realiza, não chega a alterar a fisionomia moral, secularmente pensativa e serena, da Urbe. Mas isto é aparência apenas; esta ilha de recolhimento ideal flutua sobre um mar proceloso, e os que possuem sensibilidade fina, vigilante, percebem os choques e os tremores, que a sacodem. Tõda a Europa ^{*}reme e palpita, numa efervescência ameaçadora. Poucos períodos da história merecem ser comparados a êste em que vivemos desde 1914, e que tem jeito de estar tocando o seu momento culminante, que só pode resolver-se, ou numa salvação heróica, ou numa ruina total, irreparável. Corre-se a imaginação à anêiedade e aos terrores do ano mil...

Li, não sei onde, que nos dias mais tumultuosos da revolução francesa, muitos milhares de homens e mulheres, das classes mais humildes, continuaram a sua existência normal, sem serem atingidos pela tempestade, que lhes rugia ao redor. Hoje, não se poderia dizer o mesmo; ninguém há, que não sofra da crise geral; a política, pelos seus liames cada vez mais estreitos com os fatos econômicos, deixou de ser especialidade de uma minoria, para interessar e apaixonar tõda a gente. E tõda a gente se agita numa ambiência de previsões catastróficas.

É tal, entretanto, a prodigiosa adaptabilidade da natureza humana, que assim mesmo vamos vivendo todos, e ocupando-nos de cousas, cujo destino se mostra mais e mais problemático. Eu, por exemplo, considerando o longo letargo, em que tenho deixado muitos escritos meus, e refletindo, com inefável melancolia, que a velhice se aproxima, estou preparando a publicação de oito ou nove volumes: versos, contos, estudos críticos, discursos e conferências, e até três pequenos romances, dos quais dois reunirei provavelmente em um só tomo, com o título de "Águas mansas".

Nisto se concentra o melhor da minha atividade. A parte d'ela que concerne os negócios públicos se desenvolve em condições favoráveis; na nossa diplomacia, felizmente, não há mistérios nem mentiras. Mas a diplomacia geral revela a sua crescente impotência; porque é escrava da polí-

política, e esta é vassala das grandes indústrias, da alta finança, e de outras fôrças demoníacas.

O meu excelente amigo José Alpi, homem de talento e cultura, fino conhecedor das literaturas portugueza e brasileira, teve a bondade de desenhar um "Perfil" meu, tratando-me muito generosamente. D'êsse livro o autor lhe envia hoje seis exemplares; um lhe é destinado; os outros, desejariamos, êle e eu, que você os distribuísse aí a homens de letras e jornalistas, e me remetesse as notícias que sobre o "Perfil" aparecerem.

Escreva. Saudoso abraço do seu

muito dedicado

Carlos Magalhães de Azeredo.

Via di ilha Emiliani, 9. Parioli. Roma. 20 de abril de 1938. ✓

Meu amigo, prevaleço-me da gentileza do nosso prezadíssimo Carlyle Martins para endereçar-lhe, por intermédio d'êle, estas linhas. Linhas de justa e magoada queixa. Após anos, muitos anos, de afetuosa / correspondência, reflexo dos muitos sentimentos de estima, você, brusca mente, deixar de escrever-me; assim, de súbito, quase ab irato, sem motivo algum, que eu saiba, ao menos. Em carta de há meses a Carlyle Martins, eu exprimi a minha surpresa e o meu pesar por êsse imerecido tratamento; e sei que você foi devidamente informado. Mas isso não o arrancou do seu silêncio. Deixe-me dizer-lhe que deve ter remorsos de abandonar assim um amigo fiel de quase meio século, e ainda por cima, distante da pátria, exilado (exilado voluntário, se dirá, mas sôbre isso haveria que argumentar, e, em suma, exilado sempre). Não creio que o tenha ofendido, sem querer, nem pensar; não pode haver pontos de atrito entre nós, tão afastados um do outro. E então? então, eu desejo e espero que desistirá d'essa atitude estranhável, e tornará a ser como foi por tanto tempo. Saudoso abraço do seu muito dedicado Azeredo.

(Cartas postas)